



Biologia da MORTE



Autores

Sophia Grassmann Roda

João Pedro Destro de Angelis

Gabrielle de Lima Pereira

Samira Vitória Mendes de Oliveira

Tiago Salviano Mariotto

Deivid Marcos Barreiro

Sumário

O que é morte	3
Ciências	4
A morte na lupa da biologia	5
Vírus	6
Câncer	7
Sociedade	8
As 5 fases do luto	9
Rituais e luto entre os animais	10
Luto na infância	11
A morte no mundo	12
Mercado	13
Necropolítica	14
Pandemia Covid-19	14
Mercado funerário	15
Medicalização do morrer	15
Referências	16

O que é morte?

Segundo OpenAI (2023):

"A morte, em termos mais objetivos, é o fim das funções biológicas que sustentam um ser vivo. Mas para os seres humanos, ela é muito mais que um evento físico - é um marco existencial profundo."

De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Margarida dos Anjos (2008):

"morte sf. 1. Med. Cessação da vida. 2. Termo, fim. 3. Destrução, ruína. 4. Pesar profundo"

"luto sm. 1. Sentimento de dor pela morte de alguém. 2. Os sinais exteriores desse sentimento, esp. o traje, ordinariamente preto. 3. O tempo que se fica de luto (2). 4. Consternação, dó."

Para Kübler-Ross (2008) morte ainda é vista como algo assustador e amedrontador, um medo comum a todos, mesmo que possa ser controlado de diferentes maneiras, mas encará-la com tranquilidade é difícil, pois hoje morrer é algo triste, solitário, mecanizado e impersonal. Kübler-Ross (2008) ressalta que o luto é uma emoção intensa que nos desestabiliza e nos afasta do mundo, ao mesmo tempo em que expressa a dor da perda e revela a impermanência da vida.

De acordo com que defende Kovács (2003), a morte é algo que não pode ser definido, imaginado ou nomeado, é uma realidade diante da qual as palavras faltam, a própria palavra "morte" não é suficiente para representar o que ela realmente é, cada um de nós buscará associá-la a outras palavras que transmitam ideias, imaginações ou convicções.

O conceito de morte para biologia está diretamente ligado à interrupção definitiva das funções essenciais para a sobrevivência, como a respiração e a atividade cerebral. Quando essas funções cessam, ocorre um colapso metabólico, impossibilitando a regeneração celular e a manutenção do equilíbrio interno do corpo.

A filosofia também tem muito a dizer sobre esse tema. Para Heidegger, a morte é a experiência mais radical da existência humana, pois nos confronta com a finitude e nos obriga a encarar o sentido da vida. Camus, ao refletir, sugere que a consciência da morte pode nos levar a viver de forma mais autêntica. Epicuro, por sua vez, dizia que a morte não deveria nos preocupar, pois, enquanto estamos vivos, ela não está presente, e quando ela chega, nós já não estamos mais.



Ao longo da leitura, você vai mergulhar em um tema que, apesar de parecer pesado, é tratado de forma curiosa e cheia de reflexões importantes. A e-zine mistura ciência, filosofia e comportamento animal para mostrar que a morte não é só o fim da vida, mas também um ponto de partida para entender melhor quem somos. Aqui, você vai descobrir o que acontece com as células e DNA para causar a morte, como diferentes culturas lidam com a perda, e até como o capitalismo transforma o luto em negócio. A proposta é tirar a morte do tabu e fazer você pensar sobre a vida com menos receio.



Ciências

Você encontrará ao longo do capítulo palavras-chave que fazem parte deste universo e o convidamos a um desafio: ao final da leitura resolva o caça palavras especial que preparamos.

A	U	E	T	B	I	O	L	O	G	I	A
P	F	N	C	T	T	É	T	I	C	A	B
O	I	C	T	O	O	N	A	D	É	I	W
P	S	E	E	A	R	O	N	E	L	S	F
T	I	F	C	D	T	N	I	S	U	I	M
O	O	Á	N	D	T	H	T	C	L	T	E
S	L	L	O	E	R	H	W	O	A	F	D
E	Ó	I	L	I	E	N	S	B	S	V	I
U	G	C	O	R	P	O	S	E	L	I	C
I	I	A	G	C	F	S	T	R	U	D	I
Y	C	E	I	I	H	L	F	T	B	A	N
H	O	I	A	H	G	S	O	A	K	I	A

A morte na lupa da Biologia

Para a Biologia, quando olhamos para a morte vemos o colapso progressivo de funções vitais, mas esse colapso não ocorre de uma só vez. Tecidos e células diferentes morrem em ritmos diferentes, assim partes do corpo podem permanecer metabolicamente ativas mesmo após o fim das funções cardíacas ou cerebrais. Isso revela que morrer para a biologia é um processo e não um evento pontual. No nível celular, existe até mesmo a morte como parte da vida, como a apoptose que é morte celular programada, que auxilia no desenvolvimento e na renovação dos tecidos. Nossos corpos estão constantemente eliminando células para manter o equilíbrio fisiológico, e esse mecanismo é tão fundamental quanto a divisão celular, nesse sentido, a morte está inscrita no próprio funcionamento da vida.

Ciência, ética e limites

Experimentos recentes com cérebros de porcos, conduzidos por cientistas da Universidade de Yale, demonstraram que certas funções celulares puderam ser reativaadas horas após a morte aparente. A pesquisa não aponta o retorno da consciência, mas indica que os processos de deterioração são mais lentos e complexos do que pensávamos. Essa descoberta abre um novo campo de possibilidades para a medicina intensiva, principalmente em relação à reanimação de pacientes e ao tratamento de lesões cerebrais graves.

Com isso, o conceito de morte encefálica torna-se mais do que um marcador clínico, vira uma questão filosófica, ética e até legal. Até onde podemos intervir para prolongar ou restaurar a vida? Existe um ponto em que não há mais retorno? As discussões em torno desses limites não dizem respeito apenas aos médicos ou cientistas, mas à sociedade como um todo.



A tecnologia, ao mesmo tempo em que salva vidas, também nos obriga a repensar o que significa estar vivo. Se o corpo pode ser mantido em funcionamento por máquinas, mesmo após a falência cerebral, isso ainda é vida?

A Biologia, nesse cenário, continua sendo o alicerce para a compreensão dos mecanismos da morte, mas não está sozinha. A filosofia ajuda a pensar o valor da vida, a sociologia observa como diferentes culturas constroem sentidos para a morte, a medicina busca atrasá-la e a religião busca transeundê-la. Nenhuma dessas áreas tem a resposta completa, mas todas colaboram para uma visão mais ampla.



A Vida revelada pela Morte

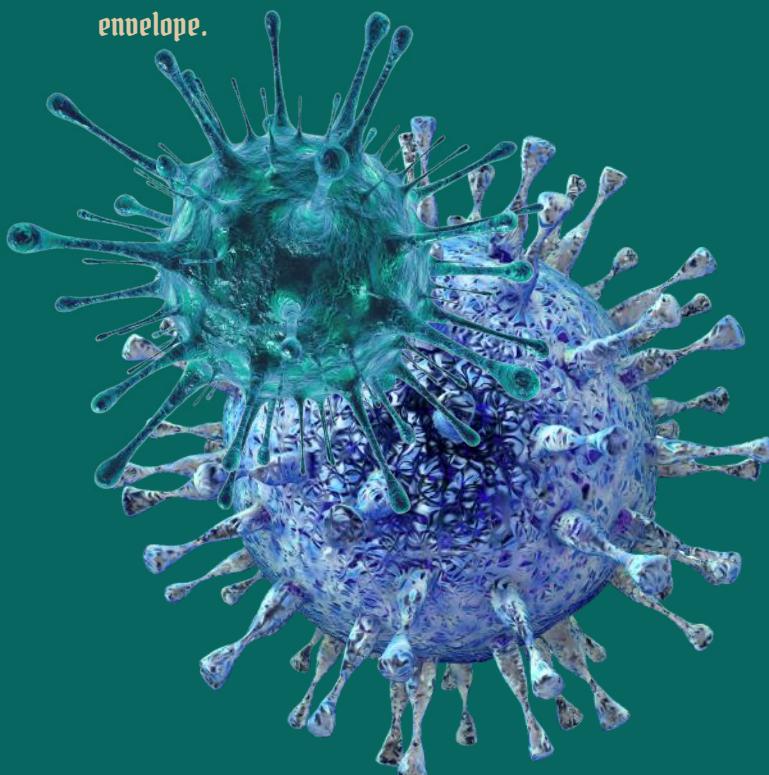
Compreender o fim nos ajuda a valorizar o presente, a respeitar os ciclos naturais e a tomar decisões mais conscientes em diferentes aspectos. A morte nos iguala biologicamente, mas também nos revela na diversidade de sentidos que atribuímos a ela. Ao investigar a morte com o rigor da ciência e a abertura da reflexão, entendemos melhor a própria condição humana.

No e-zine Biologia da Morte, escolhemos encarar a morte como ela é: um fenômeno natural, fundamental à vida, mas profundamente moldado pelo pensamento humano. Nosso olhar é científico, mas não ignora as muitas linguagens que dão sentido à morte, sejam elas filosóficas, sociais ou simbólicas.

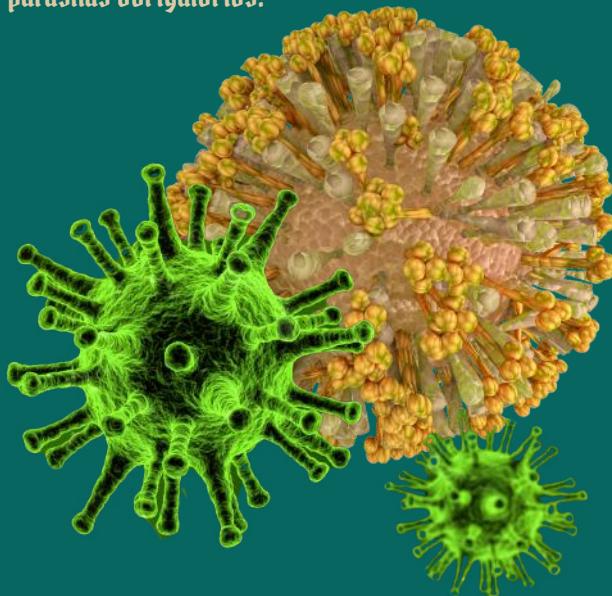
Vírus

O estudo dos vírus, conhecido como virologia, surgiu no final do século XIX, durante a chamada Idade do Ouro da Microbiologia. Em 1892, o cientista Dmitri Iwanowski identificou que o agente causador da doença do mosaico do tabaco era tão pequeno que passava por filtros capazes de reter bactérias. Embora ele ainda não soubesse, tratava-se de um vírus. Mais tarde, em 1935, Wendell Stanley conseguiu cristalizar o vírus do mosaico do tabaco (TMV), revelando sua estrutura extremamente simples e homogênea, distinta de qualquer outro microrganismo conhecido até então.

Os vírus são entidades acelulares, ou seja, não possuem células, que são consideradas a unidade básica da vida. Por essa razão, são frequentemente descritos como estando no limite entre o vivo e o não vivo. São extremamente pequenos (10 - 100x menor que as bactérias), a maioria só pode ser observada com auxílio de um microscópio eletrônico, e sua estrutura é bastante simples: consistem em um núcleo formado por apenas um tipo de ácido nucleico (DNA ou RNA), envolto por uma cápsula de proteínas (capsídeo). Em muitos casos, essa cápsula ainda é coberta por uma membrana lipídica, chamada envelope.



Diferentemente das células vivas, que possuem DNA e RNA, são capazes de realizar reações químicas e se reproduzir de forma autônoma, os vírus não conseguem realizar nenhuma dessas atividades por conta própria. Eles só conseguem se reproduzir quando invadem uma célula hospedeira, utilizando a maquinaria dessa célula para multiplicar seu material genético. Por isso, são considerados parasitas obrigatórios.



Essa dependência levanta uma questão central: afinal, os vírus são vivos? A resposta não é simples. Por um lado, ao se multiplicarem dentro das células que infectam, apresentam características de seres vivos. Por outro lado, fora dessas células, os vírus são completamente inertes, sem qualquer sinal de vida, o que os aproxima mais de substâncias químicas do que de organismos vivos. Recomenda-se utilizar termos, tais como: "funcionalmente ativos" / "inativos", em vez de "vivos" / "mortos".

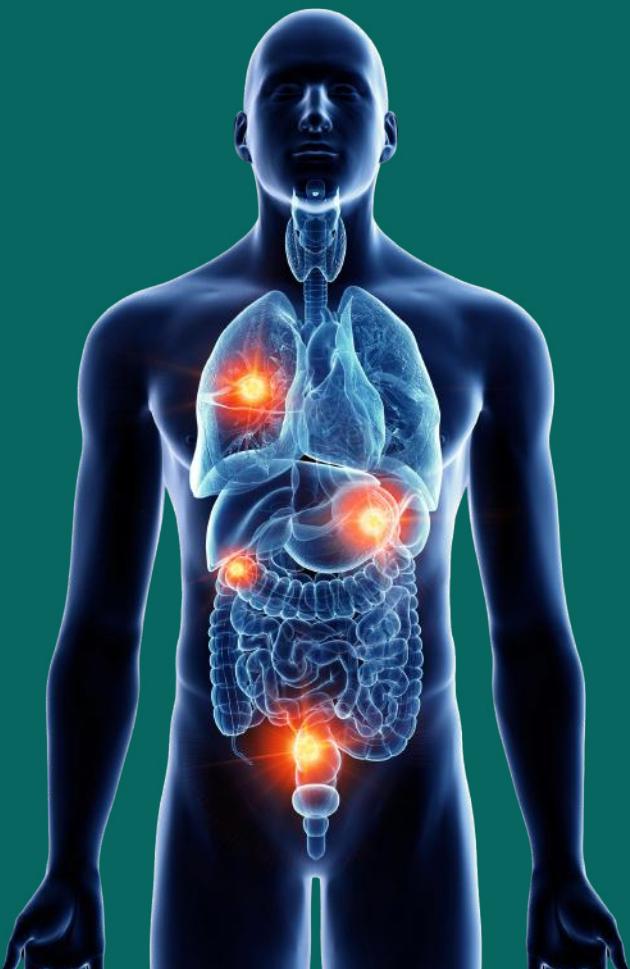
Portanto, os vírus desafiam as definições tradicionais de vida. Eles não se encaixam completamente em nenhuma categoria e permanecem como um dos enigmas mais fascinantes da Biologia.

Câncer

O câncer é uma das principais causas de morte no mundo, sendo responsável por milhões de óbitos a cada ano. Diferente de outras doenças que causam morte por agentes externos, como infecções ou traumas, o câncer é uma condição que parte do próprio corpo. Essa característica torna sua progressão muitas vezes silenciosa, permitindo que o tumor se desenvolva sem causar sintomas evidentes até atingir estágios mais avançados, quando o tratamento se torna mais difícil e o risco de morte aumenta significativamente.

Neoplasias, tumores malignos e câncer são termos usados na área acadêmica para descrever um conjunto amplo de doenças que podem afetar diferentes partes do corpo. O câncer surge a partir da produção descontrolada de células anormais, característica do organismo humano.

Com o passar do tempo, nossos genes acumulam mutações, algumas surgem ao acaso e outras são provocadas pela alimentação ou por agentes externos, como a radiação ultravioleta. A maior parte dessas alterações genéticas não causa danos, e apenas uma pequena fração pode trazer algum benefício. A maioria das mutações no DNA é neutra ou prejudicial. Embora o corpo consiga reparar parte dessas alterações essa capacidade diminui com o tempo.



As mutações podem causar câncer ao interferirem no controle que o organismo exerce sobre o crescimento e a divisão das células. Normalmente, nosso corpo possui mecanismos genéticos que regulam esses processos, mantendo as células saudáveis e eliminando aquelas que apresentam defeitos. No entanto, quando ocorrem mutações em genes específicos, esse equilíbrio pode ser perdido, levando à formação de tumores.



Entre os tipos mais comuns está o câncer de mama, especialmente entre mulheres. Diversos fatores contribuem para seu desenvolvimento, com destaque para os genéticos. As mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 estão fortemente associadas à doença, embora nem todas as alterações nesses genes sejam, de fato, patológicas. Renda assim, aproximadamente 80% das mutações identificadas nesses genes têm relação comprovada com o câncer, sendo consideradas importantes indicadores de risco. Mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 também estão associadas ao câncer de mama em homens, mesmo que estudos mostram que a doença pode surgir mesmo sem mutações nesses genes, devido a alterações hereditárias em outros alelos que também influenciam no risco.

Sociedade

Você encontrará ao longo do capítulo palavras-chave que fazem parte deste universo e o convidamos a um desafio: ao final da leitura resolva o caça palavras especial que preparamos.

R	A	R	R	G	H	E	N	B	T	Y	O
B	H	A	D	T	E	R	O	T	U	L	S
E	E	C	U	L	T	U	R	A	S	I	O
L	L	S	C	H	Y	T	T	E	E	E	Ã
O	A	A	N	U	H	N	K	L	E	F	S
V	N	G	A	I	N	A	L	E	T	A	S
E	I	A	R	A	O	S	N	F	Y	G	E
R	M	D	A	D	R	E	P	A	R	R	R
D	A	A	I	C	N	Â	F	N	I	E	P
A	I	M	V	I	N	D	P	T	N	G	E
D	S	I	A	U	T	I	R	E	A	O	D
E	I	S	O	W	A	O	L	L	E	S	I

As 5 fases do luto

Foi Elisabeth Kübler-Ross a partir de suas pesquisas com pacientes em estado terminal formulou o modelo das cinco fases do luto, ela identificou padrões emocionais recorrentes, que posteriormente organizou nas fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Primeira fase: negação

A negação atua como um amortecedor diante de informações inesperadas e impactantes permitindo que o paciente melhore ao decorrer do tempo, é uma proteção momentânea é trocada por uma aceitação parcial. A negação surge do subconsciente humano, onde todos nos consideramos eternos, o que torna quase impensável admitir que também precisaremos enfrentar a morte.



Segunda fase: raiva

Quando já não é mais viável permanecer na fase da negação, esse sentimento é trocado por emoções de fúria, indignação, ciúme e mágoa. A raiva surge quando o paciente percebe que todas as realizações que iniciou permanecerão inacabadas, que o dinheiro arduamente conquistado para desfrutar a velhice com lazer e prazer não será aproveitado, confrontando-se com a realidade de que "isso não é para mim".



Terceira fase: barganha

Esta fase é marcada pelos esforços dos pacientes de fazer acordos, promessas ou estipulam condições consigo próprios, com outras pessoas ou com uma força superior, a fim de evitar a realidade inescapável de sua morte ou na expectativa de estender sua existência mesmo que por um curto período.



Quarta fase: depressão

A depressão reativa surge do sofrimento do paciente pelo que já foi deixado para trás, abrangendo não apenas as habilidades físicas, mas também os desejos pessoais e projetos futuros. A depressão preparatória está ligada à perda próxima e inevitável da própria existência, em que o paciente começa a se desligar da vida e dos vínculos em antecipação ao falecimento.



Quinta fase: aceitação

A fase de aceitação representa o momento em que pacientes alcançam uma sensação de tranquilidade diante da morte próxima, é marcada por uma aceitação serena da realidade da circunstância. Para alguns, ocorre de maneira rápida e quase espontânea, enquanto para outros, exige uma análise profunda e um esforço emocional.



Rituais e luto entre os animais

Assim como os seres humanos, diferentes espécies de animais também manifestam comportamentos que lembram o luto. Embora não possamos afirmar com certeza se eles têm consciência da morte como nós, há sinais claros de que sentem a perda de forma profunda.

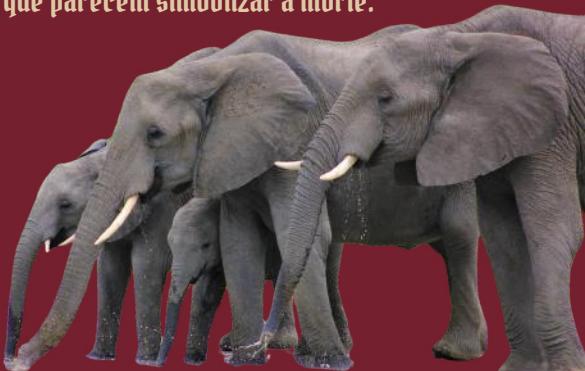
Casos de primatas

Pesquisas com primatas, por exemplo, revelam cenas comoventes. Mães chimpanzés foram observadas carregando seus filhotes mortos por dias ou até semanas, como relatou Jane Goodall na Tanzânia. Mesmo depois de a morte ser evidente, elas permanecem ao lado do corpo, um comportamento que demonstra forte vínculo afetivo.



Casos de elefantes

Entre os elefantes, esse fenômeno ganha contornos ainda mais simbólicos. São conhecidos casos de elefantes-africanos que voltam repetidamente ao local onde parentes morreram, remexem ossos, tocam o "túmulo" e permanecem em silêncio por longos períodos. Os elefantes-asiáticos evitam a área onde um membro do grupo faleceu, indicando que reconhecem o corpo como algo que já não faz parte do convívio. Os elefantes se tornam com isso um dos poucos que parecem simbolizar a morte.



Animais domésticos e o luto do tutor



Animais domésticos também podem sofrer a perda. É comum apresentarem sinais de tristeza, falta de apetite ou abatimento depois da morte de um tutor ou de outro animal com quem conviviam. Ainda assim, na sociedade humana, o luto pela perda de um animal muitas vezes não encontra reconhecimento ou espaço de acolhimento. Esse luto não reconhecido pode isolar o tutor enlutado, tornando sua dor ainda mais difícil de expressar.

Quando observamos essas manifestações, percebemos que o luto é um processo natural que ultrapassa a espécie humana. Ele nos conecta à ideia de vínculo, cuidado e despedida, aspectos fundamentais para refletirmos sobre nossa própria forma de lidar com a morte e com a perda.

Luto na infância

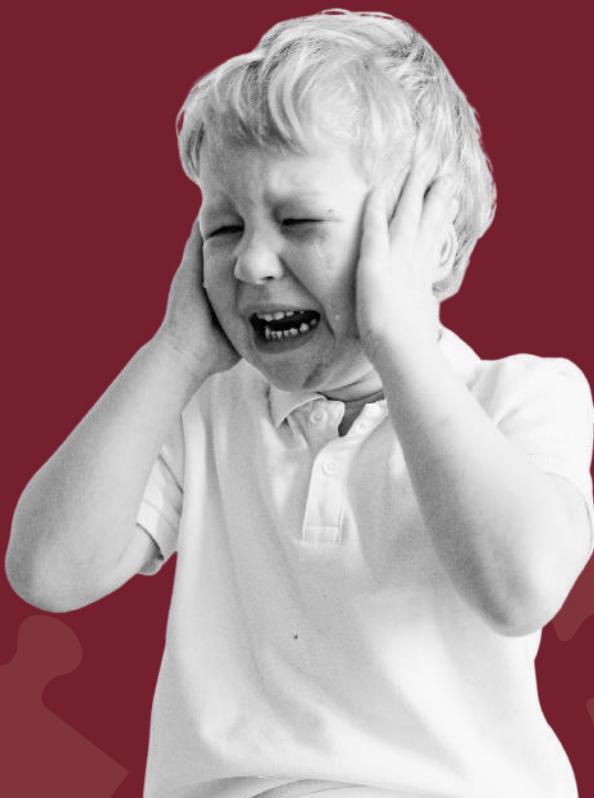
A primeira infância que geralmente ocorre no período de 0 a 6 anos é uma fase muito importante da vida, podendo ser utilizada para aprender como as crianças enfrentam a morte o que pode permitir a formação de uma sociedade mais compreensiva, capaz de acolher e respeitar as diferentes formas de expressão do luto através do cuidado e do acolhimento.

Mesmo muito pequenas, as crianças são capazes de perceber e sentir a perda, porém a forma com que elas entendem isso depende principalmente da atitude dos familiares que necessitam estar presentes com apoio emocional e atenção adequada. Muitas vezes, na tentativa de proteger a criança, os adultos acabam escondendo ou modificando a verdade sobre a morte, o que pode levar a ainda mais transtornos porque a criança não é totalmente madura para entender a situação com clareza.

As crianças precisam de esclarecimentos sinceros e claros, compatíveis com a sua capacidade de entendimento para que consigam superar a morte de maneira saudável e também reduzir os impactos negativos do luto nessa fase da vida, contribuindo para que a criança tenha um saudável desenvolvimento emocional e psicológico.

O entendimento da morte principalmente na primeira infância, costuma ser limitado e fortemente afetado pela visão egocêntrica que a criança tem do mundo, isso se deve à dificuldade de imaginar uma existência sem elas. A perda de uma figura de apego representa uma quebra de sentimento, uma vez que compromete não apenas o vínculo de segurança da criança mas também seu desenvolvimento físico, social e emocional.

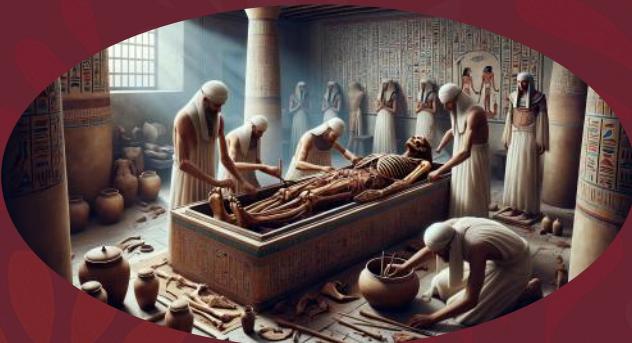
As, crianças, ao não compreender a irreversibilidade da morte pode sofrer reações emocionais ao luto que variam entre tristeza, confusão, sentimentos de abandono e insegurança. Uma intervenção sensível e bem orientada não só contribui para que a criança consiga lidar com a perda, mas também fortalece seu emocional e psicológico para o futuro.



A Morte no mundo

Os gregos apresentavam como traço cultural em seus rituais fúnebres o costume de incinerar os corpos dos falecidos, com o objetivo de marcar a nova condição existencial e a posição social dos mortos. Os mortos considerados comuns eram incinerados e sepultados em covas coletivas, por serem considerados simples mortais. Os mortos vistos como heróis eram levados à pira-crematória em uma cerimônia da bela morte, esse tipo de falecimento tornava o morto em imortal.

Os hindus incineravam o corpo, que era privado de sua identidade, individualidade e posição social. Após ser consumido pelas chamas, os restos em forma de cinzas eram espalhados pelo vento ou lançados no rio, através desse rito os hindus entendiam a morte como a transição para outro nível de existência: a união com o Absoluto, o alcance do Eterno, do Nirvana, ou seja, da paz originária.



Os egípcios acreditavam que os mortos enfrentam uma difícil jornada até seu repouso eterno, cheia de perigos, sendo necessária preparação obtida através de rituais fúnebres. Para garantir a vida após a morte, o corpo precisava ser embalsamado, impedindo sua decomposição, pois apenas com a preservação do corpo as outras partes do ser continuariam a existir.

Em Madagascar são realizados rituais para os antepassados falecidos com o objetivo de reafirmar vínculos, orando pelos parentes e realizando uma comemoração que é alegre sendo um momento de felicidade e celebração. A cada 5 a 7 anos, durante o inverno, um ancião da comunidade recebe um sonho

com uma mensagem de um falecido informando que está com frio. Eles abrem o túmulo da família, retiram os corpos que estão ali e removem as vestes das pessoas, trocando-as porque está frio e voltam para o túmulo com lembranças e presentes.

Para a sociedade cristã a morte é compreendida como uma transição para outra realidade, a travessia para o sofrimento eterno e inferno, ou a entrada no prazer perpétuo e paraíso que é destinado para os justos. A morte representa uma fase transitória, um sono profundo do qual despertariam no momento da ressurreição, quando os espíritos retornariam aos corpos.

O Dia dos Mortos tem origem nas culturas indígenas pré-hispânicas da América Central, a data é dedicada a lembrar e homenagear os que já se foram, e embora a celebração varie entre regiões mas mantém uma estrutura semelhante. Na festa, a morte é representada com leveza, humor e até ironia, visível nas músicas, imagens e caveiras de açúcar. Atualmente, amigos e familiares recebem essas caveiras com seus nomes na testa para lembrar que todos um dia morrerão e farão parte da morte. Além de homenagear os mortos, a celebração ajuda a encarar a morte como uma realidade inevitável da existência humana, funciona como um meio de ensinar crianças e adultos a conviver com a ideia da finitude.



mercado

Você encontrará ao longo do capítulo palavras-chave que fazem parte deste universo e o convidamos a um desafio: ao final da leitura resolva o caça palavras especial que preparamos.

D	A	O	T	E	R	M	I	N	A	L	H
R	A	R	N	R	T	M	I	N	E	P	E
H	G	T	M	K	E	U	D	D	N	N	X
B	A	E	T	R	S	E	S	W	O	O	P
O	E	S	C	S	M	N	N	O	S	S	L
O	C	A	P	I	T	A	L	I	S	M	O
I	D	L	A	N	C	A	L	E	D	N	R
O	C	O	V	I	D	L	P	E	S	B	A
S	C	P	A	C	I	E	N	T	E	S	Ç
M	A	I	S	E	G	U	R	O	C	N	Ã
B	F	I	N	A	N	C	E	I	R	O	O

Necropolítica

O capitalismo atual opera sustentado pela banalização e instrumentalização da morte. A partir do conceito de necropolítica, desenvolvido pelo filósofo camerunês Achille Mbembe que descreve as práticas da necropolítica, entende-se que o poder não atua apenas sobre a vida, mas também define quem pode morrer, quem será negligenciado e quais vidas são consideradas descartáveis. Nesse contexto, a busca incessante pelo lucro se sobrepõe à dignidade humana, evidenciando um sistema que marginaliza e apaga existências vistas como economicamente inúteis ou socialmente incômodas.

Assim, casos como a violência policial nas periferias, o extermínio de povos indígenas e a negligência frente a emergências sanitárias, como a pandemia de COVID-19, são expressões concretas de que o capitalismo deixa de ser apenas uma estrutura econômica e passa a funcionar também como mecanismo de gestão da morte.



A necropolítica atua como instrumento de racionalização do sofrimento, integrando a morte às dinâmicas de acumulação de capital. O sistema se reorganiza constantemente para tornar aceitável e até justificável a existência de zonas de abandono, onde a morte é naturalizada e os sobreviventes são constantemente lembrados de sua condição de descartabilidade. A política da morte se entrelaça à lógica da segurança, da disciplina e do medo, alimentando narrativas que associam pobreza à criminalidade, dissidência à ameaça, e presença periférica à violência.

Pandemia Covid-19

A morte não se restringe a um evento biológico, mas assume um papel ativo na força produtiva, sobretudo, em contextos capitalistas marcados pela dependência, pelo legado colonial, pelo racismo estrutural e pela superexploração da força de trabalho. A pandemia de COVID-19 escancarou essa lógica ao expor como a vida dos mais vulneráveis foi tratada com desrespeito, as ações do poder público falharam em proteger as populações marginalizadas, naturalizando a perda de vidas como parte aceitável do funcionamento do sistema.

A pandemia “democratizou” a morte, expondo as desigualdades estruturais do Brasil, afetando os grupos historicamente explorados como os pobres, negros, indígenas e trabalhadores em condições precárias. A crise sanitária escancarou uma lógica de morte que sempre atravessou a formação social brasileira, desde os tempos da escravidão e do massacre dos povos originários até a violência cotidiana nas periferias urbanas. Essa banalização da morte, não é algo isolado, mas sim uma parte fundamental do funcionamento do capitalismo no país, que se mantém baseado na exclusão, na desigualdade e na aceitação como natural do sofrimento.

A morte impulsionou a acumulação de riquezas que deu sustentação ao capitalismo europeu e moldou o modelo brasileiro de produção voltado para a exportação. Essa lógica segue vigente hoje, sustentando um sistema que demanda o sacrifício constante de corpos racializados e empobrecidos para preservar a busca pelo lucro.



Mercado funerário

Associar a morte ao capitalismo é entender que até o luto e a dor se convertem em fontes de lucro. Serviços funerários como velórios e cremações costumam ter preços altos, e a maioria dos cemitérios e crematórios funciona como empreendimentos privados. Essa dinâmica marginaliza as populações mais pobres, negando-lhes até mesmo um adeus digno, como se o direito de chorar pelos mortos fosse um privilégio, tornando o luto um luxo para poucos.

Dessa forma, a experiência da perda deixa de ser um processo humano e passa a ser uma transação comercial, em que cada detalhe, desde o transporte do corpo ao caixão, das flores ao espaço no cemitério, tem um preço. A dor é vista como uma brecha para explorar um “consumidor em vulnerabilidade”, e o momento de maior fragilidade emocional é capitalizado por um sistema que transforma a morte em mercadoria.

Os seguros funerários exemplificam bem essa dinâmica. Eles se apresentam como uma solução para o peso financeiro e burocrático da morte, mas na prática reforçam sua transformação em mercadoria com propagandas que exploram o medo e a insegurança, prometendo “paz para a família” ou “proteção para quem fica”, esses planos muitas vezes atingem justamente os mais vulneráveis, como idosos em busca de segurança. Dessa forma, evidencia-se que o luto é mais um item a ser previsto no orçamento, como se a morte fosse apenas mais uma conta a pagar no futuro.



Medicalização do morrer

A mercantilização capitalista da morte também se manifesta na medicalização do fim da vida e nos interesses da indústria farmacêutica. Movida por lucros, essa indústria se beneficia da venda contínua de paliativos, sedativos e analgésicos, muitas vezes prolongando a existência mesmo em situações de intenso sofrimento, desde que clinicamente sustentável e sobretudo rentável.

Muitos pacientes em estado terminal são submetidos a tratamentos agressivos e invasivos. Mesmo quando o prognóstico é claramente irreversível, tais intervenções representam fonte de lucro para o sistema hospitalar e para a indústria da saúde. O uso constante de medicamentos de alto custo mantém o paciente biologicamente vivo, mas muitas vezes à custa de sofrimento físico e emocional. Nesse cenário, a morte é artificialmente postergada pela lógica mercantil que transforma o corpo em um ativo financeiro.

Essa lógica é reforçada por práticas sistemáticas da indústria farmacêutica, como demonstra o artigo “Os crimes da indústria farmacêutica” (NOGUEIRA, 2015), publicado na revista Superinteressante. A matéria expõe como grandes corporações do setor ocultam efeitos colaterais, manipulam dados científicos e impõem medicamentos de alto custo mesmo quando sua eficácia é mínima ou controversa.

Isso mostra uma estratégia de manter o paciente dentro do sistema de consumo de medicamentos o maior tempo possível, o que se aplica diretamente à gestão da morte no modelo capitalista atual. A dor, a doença e até o fim da vida se tornam fontes de capital, oportunidades de explorar financeiramente corpos fragilizados. A dignidade humana é sacrificada diante de uma estrutura que só vê valor no corpo enquanto ele puder gerar retorno financeiro.

Referências

- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Revista Multidisciplinar da UNESP: Saber Acadêmico*, n. 6, dez. 2008. ISSN 1980-5950. p.73-75
- VILLASEÑOR, R. L., & CONCONE, M. H. U. B. (2013). A celebração da morte no imaginário popular mexicano. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Especial2), 37-47, p.39-45 <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial2p37-47>
- RIBEIRO, Thiago Henrique Pereira. Concepções egípcias acerca da morte: uma releitura sobre a questão da alma no Egito Antigo. *Fato & Versões - Revista de História*, 2015. p.5-6
- KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003. ISBN 85-7396-286-0. p.13
- KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.17,51-125.
- AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA; MARCARIORA DOS AMOS. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- OpenAI. (2023). ChatGPT Modelo de linguagem grande. <https://chat.openai.com/chat>. Acesso em 04 jul. 2025
- FALÓTICA, T. Diferentes espécies de animais experienciam luto de forma semelhante a humanos. *Jornal da USP*, 2024.
- SANTOS, I.A.; TOLEDO, M.C.; MOREIRA, K.S.; LACERDA, T.C. O enfrentamento do luto na primeira infância. *Revista EDUCA* v. 8 - 2025 (e025009). p. 2-4, 6, 8. <https://share.google/159UgqKSMWsc0Xjly>
- Suassuna, A. (2006). *O Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir.
- Tortora, G. J., Funke, B. R., & Case, C. L. (2005). *Microbiologia* (8^a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Urselja, Z. et al. (2019). Restoration of brain circulation and cellular functions hours post-mortem. *Nature*, 568(7752), 336-343. <https://doi.org/10.1038/s41586-019-1099-1>
- Heidegger, M. (1996). *Ser e Tempo* (Parte II). Rio de Janeiro: Vozes.
- Camus, A. (2004). *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record.
- Epicuro. (2011). *Carta a Meneceu*. In: *A Filosofia de Epicuro*. São Paulo: Martins Fontes.
- Parnia, S., et al. (2014). AWARE—Awareness during Resuscitation—A prospective study. *Resuscitation*, 85(12), 1799-1805. <https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2014.09.004>

Referências

- NEVES, Philippe Gomes de Oliveira., et al. Medicinalização da morte no Brasil: impactos e repercussões do consumo farmacológico sob a ótica do cuidado paliativo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5, n. 5, p. 1465-1480, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p1465-1480>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- SUPERINTERESSANTE. Os crimes da indústria farmacêutica. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/os-crimes-da-industria-farmaceutica/>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- SANTOS, Sidnei Ferreira dos. A construção social do mercado funerário no Brasil: agentes, instituições e estratégias de negócios. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara/SP, 2019. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/4947.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.
- HORIZONTES SBC. Morte, educação e tecnologias digitais. Disponível em: <https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/07/morte-educacao-e-tecnologias-digitais/>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- MARÍLIA. Revista Foco Multidisciplinar. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/10991/10297>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- ANPAD. Artigo aprovado no portal ANPAD. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/117/approved/42778ef065805a96f9511e20b5611fce.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- UNISINOS. Capitalismo e morte: um olhar sobre a necropolítica. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/630037-capitalismo-e-morte-um-olhar-sobre-a-necropolitica>. Acesso em: 05 jun. 2025.
- UFGC. ReUnir - Revista de Educação. Disponível em: <https://reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uace/article/view/1808/875>. Acesso em: 04 jul. 2025.
- TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. *Microbiologia*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. ISBN 978-85-8271-354-9.
- BBC News Brasil. A morte é mesmo inevitável Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-6256218>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- MIQUELANTI, A. F. Q. ; ARAÚJO, B. C. de .; AMÂNCIO, N. de F. G. . Relationship between genetic mutations and the incidence of breast cancer: bibliographical review. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e2212139304, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i1.39304. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39304>. Acesso em: 10 jul. 2025.